

Manaus, Manáos, “Mae dos Deuses”, o Povo...

Júlio Cesar Schweickardt

Pesquisador do Laboratório de História Políticas Públicas e Saúde na Amazônia – LAHPSA/Fiocruz Amazônia.
E-mail: julio.ilmd@gmail.com

Resumo

O presente texto foi produzido para uma homenagem recebida pela Câmara de Vereadores do Município de Manaus com o título de cidadão manauara. A cidade de Manaus tem uma história singular desde o seu nome que faz referência à etnia Manáos, que vivia nessa região. O nome significa a “Mãe dos deuses”, o que traz muitas reflexões para as imagens divinas retratando a figura masculina. A cidade traz consigo várias histórias de “Cidades Invisíveis” que depende da perspectiva de quem a olha e a vive. Por isso, interpretar a cidade é uma forma de exercitar o olhar os diferentes outros que habitam o território. Terminamos o texto, dizendo que nós somos O Povo, que desejamos mais justiça, equidade e direitos a sermos diferentes.

Palavras-chave: Direitos sobre a cidade; cidadania; Amazônia.

Abstract

This text was produced for a tribute received by the City Council of Manaus with the title of manauara citizen. The city of Manaus has a unique history since its name that refers to the ethnic Manáos, who lived in this region. The name means "Mother of Gods", which brings many reflections to the divine images depicting the male figure. The city brings with it several stories of “Invisible Cities” that depend on the perspective of those who look at it and live it. Therefore, interpreting the city is a way of exercising the eyes of the different others that inhabit the territory. We end the text by saying that we are The People, that we want more justice, equity and rights to be different.

Keywords: Rights over the city; citizenship; Amazon.

Qual o lugar de fala?

O texto está no contexto de uma homenagem da Câmara de Vereadores de Manaus, que através da vereadora Professora Jaqueline concedeu o título de cidadão manauara para Júlio Cesar Schweickardt, pesquisador do Laboratório de História, Políticas Públicas e Saúde na Amazônia – LAHPSA, do Instituto Leônidas e Maria Deane – ILMD/Fiocruz Amazônia.

O título Manaus, Manáos, “Mae dos Deuses”, o Povo... se refere a quatro temas, primeiramente uma homenagem à cidade de Manaus, sua história, suas ruas, igarapés, pessoas e as diferentes gentes que habitam esse lugar. Em segundo lugar, Manáos é uma memória ao povo que habitou originalmente essa região, onde está situada a metrópole, povo que resistiu aos colonizadores portugueses, tendo o líder Ajuricada como símbolo dessa luta e por esse feito foram praticamente extintos. Em terceiro lugar, Mãe dos Deuses é o significado de Manáos que traz uma mulher como herói mitológico e mãe das outras entidades, ou seja, uma deusa mulher que dá origem aos outros deuses. Faz todo sentido com a criação do mundo e das coisas. Por fim, O Povo está relacionado com a ideia de que toda etnia tem como princípio de que são os originários de todos os povos, que agregam outros povos e gentes para formar a humanidade. Apesar de estarem no centro do mundo, são aqueles que dão sentido à todas as coisas que coexistem no mundo. Além desse sentido, “Nós, o Povo” foi o tema do Boi Bumbá Garantido, em 2019, que se consagrou campeão

do Festival de Parintins. Assim, a minha homenagem a todos esses nomes, significados, gentes e entes, cosmogonias e cosmologias da região Amazônica

Há algum tempo que me apresento nos eventos externos que sou um manauara nascido em Porto Alegre. Dois extremos que se unem nas histórias e que trazem o que representa esse país dos extremos: belo, desigual, injusto, alegre, culturalmente rico, acolhedor, preconceituoso, rico, pobre, quente, frio. País que se equilibra nessa difícil arte de uma política que namora com a dialética e com sua história.

Manaus fica no centro do mundo, como bem poderia dizer o povo dos Manáos, pois é a partir desse lugar, do meu lugar, como nos ensina o poeta Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego*¹ a minha aldeia “porque é pequena, pode-se ver mais o mundo do que da cidade; e por isso a aldeia é maior que a cidade...” (p. 80). Assim, nossas referências para ver o mundo são da nossa aldeia, do lugar que vivemos. Conclui Pessoa: “Porque sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura”. A nossa capacidade de ver está para além dos limites dados pela condição do lugar, pela geografia e pela situação sócio-política. Podemos sim, interpretar o mundo do pequeno lugar que nos encontramos.

Desse modo, aprendi a ver o mundo, o Brasil, a Amazônia, o Amazonas, a partir de Manaus. Ou

seja', se tornou o meu lugar de falar e de olhar para todos os outros lugares. Assim, levo Manaus dentro de mim, em todas as cidades têm um pouco de Manaus porque as olho com as marcas dessa cidade que levo diante dos meus olhos. O escritor Italo Calvino ², nas *Cidades Invisíveis* diz que “cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (p.34). A cidade particular é aquela que levamos conosco. O espaço da cidade se encontra com a sua história: “Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada”. A cidade, para Calvino, é feita “das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do passado” (p.14). O tempo e o espaço se encontram para descrever a cidade, numa relação que dá sentido a cada medida e forma.

A multidão de cidades e os lugares de fala

Manaus tem muitas cidades invisíveis que não aparecem a um olhar apressado de um turista. Cidades que fui aprendendo a ver nesses últimos 27 anos de vida. Os viajantes como Francisco Orellana, que, em 1541, percorreu o rio Amazonas, partindo do Peru, em busca da cidade dourada, da cidade Manoa, das índias guerreiras – As Amazonas.³ O Padre João Daniel ⁴, no “Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas”, no século XVIII, diz a riqueza era a própria natureza; o naturalista Alexandre

Rodrigues Ferreira ⁵ na “Viagem Filosófica”, na segunda metade do século XVIII, mostrou o potencial da natureza e da etnologia dos diversos povos indígenas; o naturalista Alfred Russel Wallace ⁶, no século XIX, nas “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro” descreve as cores das casas da Barra do Rio Negro: “as casas são cobertas de telha vermelha e assoalhadas com tijolos, tem as paredes pintadas de branco ou de amarelo; e as portas e janelas, pintadas de verde. Quanto o sol bate sobre elas, o efeito é muito bonito” (p.214). Ferreira de Castro ⁷, em “A Selva” apresenta uma cidade movimentada pela economia da borracha, alimentada pelo trabalho de seringueiros que ficavam presos ao sistema de aviamento, com dívidas impagáveis. Já Vianna Moog ⁸, em 1936, em “O ciclo do outro negro: impressões da Amazônia” viu uma cidade de estrangeiros, dizendo que Manaus era a menos amazônica das cidades, construída pelo ouro negro. Por fim, Euclides da Cunha ⁹, no “A Margem da História” via a região como um paraíso perdido, o “o seringueiro realiza uma tremenda anomalia, é o homem que trabalha para escravizar-se” (p. 22), aquele que luta contra uma natureza e um sistema de escravidão. Se Euclides da Cunha não tivesse morrido num duelo de amor, teria escrito uma obra da Amazônia como a dos “Sertões”.

Assim, tantos outros viam a cidade como a “Ilusão do Fausto”, de Edineia Mascarenhas Dias ¹⁰, da “La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos – 1890-1900, de Otoni Mesquita¹¹, “A belle époque amazônica” de Ana Maria Daou ¹², “Paris dos trópicos”, “Veneza dos trópicos”,

“cidade das palhas”, “cidade da selva”, “cidade flutuante”, “Porto de Lenha” (música de Aldisio Filgueiras e Zeca Torres), Manaus Moderna, da Zona Franca, cidade dos extremos, dos conflitos, mas também cidade dos encontros e de esperança de nova vida para os migrantes que aqui chegam e para os milhões que aqui vivem...

Desde que cheguei, tive um interesse pela história da região e com isso fui me tornando amazonense e manauara pois essa história passou a se confundir com a minha própria história.

Euclides da Cunha¹³, que esteve aqui em 1904, conta que subia o rio Amazonas de Belém até Manaus e dizia que tudo era monótono, águas e florestas, com uma pequena variação de tonalidades de verde. A diferença estava quando se parava no barranco e se descia do barco, podendo conversar com as pessoas, visualizar as cores e a diversidade do lugar. Assim, conhecer um lugar significa parar e andar pela cidade, pelas ruas, pontes, seja de ferro, concreto ou de madeira, estâncias, passarelas e becos.

Quantas vezes andei pelas ruas do centro e dos igarapés guiado pelos documentos da minha pesquisa do doutorado, “Ciência, Nação e Região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas do Amazonas, 1890-1930”¹⁴, sobre a história da saúde pública no período da primeira república, publicada pela Editora da Fiocruz, em 2011. Acompanhei o auge da cidade e sua decadência e abandono. Vi a chegada dos migrantes nordestinos, mas

também dos europeus pobres que vinham tentar a sorte nas obras do Teatro Amazonas, da Alfândega, do Porto, do Palácio da Justiça e outros palácios... Li as notícias do Jornal do Comércio, A República, Diário Oficial do Estado, os relatórios, quando os médicos Alfredo da Matta e Miranda Leão montaram as “Brigadas” de combate do mosquito para combater a malária e a febre amarela nos igarapés do Aterro (atual Avenida Getúlio Vargas), São Vicente, Cachoeira Grande e nos bairros do Mocó, Tócos e Cachoeirinha.

Acompanhei os bondes que levavam os pacientes para o Instituto Pasteur na Avenida Sete de Setembro, contado pelo Sr. Pitu, cego e ex-paciente de hanseníase que foi isolado compulsoriamente na Colônia Antônio Aleixo (Leprosaria). Outros caminhos levavam os pacientes de febre amarela no Instituto de Medicina Tropical de Liverpool, chefiado pelo médico e pesquisador Wolfstan Thomas, no Bairro Adrianópolis, que adotou Manaus como seu lugar e aqui morreu. Assim, a cidade foi seguindo o caminho dos bondes em direção a Bilhares, onde ficavam os balneários, sítios e estradas (algumas ruas ainda guardam o nome de estradas).

Andei também pelo mercado Adolpho Lisboa, Umirisal (lugar de moradia de hansenianos), linha do Tiro (Clube), Largo da saudade (antigo cemitério). Lugares da Manaus antiga que se pretendia moderna, mas que escondia os cortiços, as moradias de palha (dos índios), os abrigos dos leprosos e dos tuberculosos, a ilha

de Tamaracá (utilizada para a quarentena dos navios que chegavam com suspeita de uma doença), Paricatuba (prédio construído para abrigar estrangeiros, mas serviu de escola, prisão e leprosaria). Manaus se espelhava em Paris e tinha uma vergonha tremenda de ser identificada com a sua origem indígena...com os Manáos, Barés, Muras, Mundurukus, Saterés-Mawés...

A cidade que cresceu para além do rio, aterrando os seus igarapés e drenou e canalizou outros, mas muitos igarapés ainda cruzam em silêncio a cidade em direção ao rio Negro, e mostram a sua força no inverno das chuvas torrenciais.

O lugar que acho mais marcante da cidade é a região do Porto, mais conhecida como Manaus Moderna. Ali a cidade pulsa com uma diversidade de pessoas que chegam e saem, onde as mercadorias são carregadas nas costas de homens que se fazem fortes, onde pessoas e coisas se movimentam nos recreios, lanchas, rabetas, baleiras e voadeiras que cruzam os mais diversos rios dessa imensa Amazônia (Andirá, Paraná do Ramos, Maués, Amazonas, Negro, Branco, Acre, Purus, Juruá, Madeira, Içá, Japurá, Tefé, Solimões, Uapés, Içana, Tarumã, rios pelos quais tive o prazer de navegar) em diferentes tempos.

Como não se impressionar com o colorido das redes nos barcos? Como não se encantar com uma viagem na rede? Quando não há outra saída senão esperar a chegada no próximo porto? Perde-se tempo? Não, ganhamos um

outro tempo, que é da vida, do parar, do esperar, do escutar, do sentir os cheiros e escutar as vozes que se confundem com o constante barulho do motor (quem viaja de barco sabe do que estou falando). O tempo na Amazônia é outro, sendo a primeira coisa que tive que me acostumar e que adotei como modo de vida ... as medidas não são por quilômetros ou por linha reta, mas se faz por horas e dias, pelas curvas e praias... Perguntando ao piloto da embarcação sobre o tempo falta, vai responder: depois daquela curva, mais duas praias... logo ali... (esticando o lábio inferior).

Essa Manaus está aí aos nossos olhos, mas quantas vezes a vemos? Podemos passar meses sem ver o rio ou sem se dar conta que estamos passando por um igarapé. Que pena, pois não podemos falar com os encantados das águas, não podemos negociar com a mãe d'agua, com os bichos do fundo...

Aprendi com os rezadores do Bairro da Paz, na época do mestrado “Magia e Religião na modernidade: os rezadores de Manaus”¹⁵ e com as parteiras tradicionais do Alto e Médio Rio Solimões, Baixo Amazonas, nos quilombos do Rio Andirá, indígenas e não indígenas, com os pajés do Alto Rio Negro, que tem mais coisas que a razão desconhece. O mau olhado, o quebranto, os bichos do fundo, as flechadas de bicho, a cobra grande, o boto, as outras gentes que estão travestidos de plantas, animais, peixes, pedras... todos esses compartilham desse mundo conosco. Essa inter-relação

questiona a separação que construímos entre Natureza e Cultura. Teimamos em achar que somos os donos do mundo, que a cultura é a oposição da natureza, que os recursos são infinitos, que a floresta é um problema para o tal progresso....

Aprendi com a Teologia, que paradoxalmente é muito racional, a valorizar outras crenças que tem o compromisso com a vida. A religião, a re-ligare com o sagrado, se manifesta de diferentes formas e expressões culturais. Aprendi que não podemos aprisionar Deus em nossas construções linguísticas e doutrinárias, pois corremos o risco de transformar Deus ao nosso próprio tamanho... Assim, sonhar é esquecer o que nos separa pela cor da pele, da forma, da roupagem, do credo, mas olhar para o espírito que há em cada um de nós, incluindo as outras gentes da natureza. Ou seja, a nossa humanidade se faz no encontro com a humanidade que há no outro, seja próximo ou distante, seja com os seres visíveis como os invisíveis.

Por isso, disse no início que Manaus era o centro do mundo, daqui podemos pensar numa sociedade mais justa, cidade que traz prazer aos olhos, que nos banha com seus rios e igarapés, que nos toca pelo acolhimento das pessoas... Chega mais mano! (expressão típica do manauara para o convite da partilha).

Bom... adivinhem qual foi o primeiro peixe que comi ao chegar aqui? Comi o jaraqui num

domingo de agosto no São Raimundo, me encantando pelas águas do Rio Negro... Desse dia, nunca mais saí daqui (segundo o ditado manauara “quem come jaraqui não sai mais daqui”). Depois aprendi a diferenciar o gosto dos peixes pacu, sardinha, tambaqui, pirarucu, Matrinchá, tucunaré, surubim...

Fui capturado e encantado pelos espíritos do povo das águas negras, pelos encantados dos Manáos que rondam pelas ruas da cidade para nos ensinar a difícil arte de viver numa sociedade que inclui todas as gentes.

A grande fortuna de toda essa vivência é que não fiz só, mas acompanhado de muitas pessoas, especialmente da minha esposa (também recebeu o título de manauara) e filhos (que são manauaras), mas tantos outros me ensinaram a viver como minha mãe e pai (falecido), meus irmãos e amigos de toda uma vida. Outros me ensinaram a querer essa cidade do jeito como ela se apresenta, mas buscando transformar os sinais de morte em esperança de vida abundante para todos e todas. Por fim, agradeço a esta cidade que me acolheu há 27 anos, chegando do frio do sul ...

As rosas vermelhas que brotam e lutam na e pela floresta

Manaus, Manáos, mãe dos deuses, o povo. Essa última parte é para lembrar do meu Boi Garantido, pois escolhi ser “perrechê”, Boi que apesar de ser de Parintins, também invade Manaus com o seu toque de tambor. Nesse ano, o

Garantido trouxe uma linda música que se chama Rosas Vermelhas de composição Eneas Dias, com a qual homenageio o dia da mulher negra latino-americana e caribenha e minha esposa.

Vou tomar banho de cheiro
Com aroma de emancipação
O perfume das Rosas Vermelhas
Mulheres guerreiras da minha nação

Provedoras da esperança
Cuidadoras da transformação
Rosa-choque misturado
Ao vermelho do meu coração

Escute com muita atenção, outros desejos de Catirina
São os mesmos de minha mãe, minha irmã e minha filha

Pelo fim da violência, do machismo e da homofobia

São desejos de Dandaras, Marielles e Marias

Venham sempre com as outras
Que os outros vão respeitar
Rosas do Jardim do meu Brasil
Rosas Vermelhas do meu Boi-Bumbá

Vou cantar essa vontade
Com a força da arte que luta
Pela Igualdade de gênero
Que é necessária, urgente e justa

Rosas caboclas, negras rosas
Rosas das matas, índias rosas
Rosas vermelhas, guerreiras
Do povo garantido.

Referências

- ¹ PESSOA, F. Livro do Desassossego. São Paulo: Companhia das Letras; 1999.
- ² CALVINO, I. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
- ³ GONDIN, N. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero; 1994.
- ⁴ DANIEL, J. Tesouro Descoberto Máximo Rio Amazonas. vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto; 2004.
- ⁵ FERREIRA, AR. Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias: Antropologia. Conselho Federal de Cultura; 1974.
- ⁶ WALLACE, AR. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Brasília: Senado Federal; 2004.
- ⁷ CASTRO, F. A Selva. Ilustrações de Portinari. Lisboa: Guimarães Editores; 1955.
- ⁸ MOOG, V. O ciclo do outro negro. Porto Alegre, Globo; 1936.
- ⁹ CUNHA, E. A Margem da História. Porto; 1922.
- ¹⁰ DIAS, EM. A ilusão do Fausto. Manaus: Valer; 1999.
- ¹¹ MESQUITA, O. La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus: EDUA; 2009.
- ¹² DAOU, AM. A belle époque amazônica. Rio de Janeiro: Zahar; 2000.
- ¹³ CUNHA, E. Amazônia: Um paraíso perdido. Manaus: Valer, EDUA, Governo do Estado do Amazonas; 2003.

¹⁴ SCHWEICKARDT, JC. Ciência, Nação e Região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas, 1890-1930. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

¹⁵ SCHWEICKARDT, JC. Magia e Religião na modernidade: os rezadores de Manaus. Manaus: Edua; 2002.

Submissão: 09/09/2019

Aceite: 09/09/2019